



O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário • 9 de Setembro de 1989 • Ano XLVI — N.º 1187 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Notas da Quinzena

1 Subia, vagarosamente, a avenida da nossa Aldeia, ao fim da tarde de domingo. Gente, muita gente, de todas as idades, cruzava-se comigo, subindo e descendo. De carro ou a pé, eram pessoas que vinham visitar a Casa do Gaiato, por simples curiosidade, em passeio obrigatório ou ao jeito de quem vai cumprir um voto, há muito tempo guardado em seu coração. Pelos espaços livres do asfalto rolavam os carrinhos de quatro rodas, rolamentos já usados, que os pequenos encontraram em qualquer canto, servindo-lhes de entretenimento e mostrando as suas habilidades.

Caminhava tranquilo, aparentemente indiferente ao mundo que me rodeava, carregado com o peso de mais um dia quente de Verão e os problemas que são o pão nosso de cada dia.

Um carro passou e parou, uns metros à minha frente. Era pessoa conhecida, de há muitos anos. Em África, comungava da vida da Obra da Rua como se fosse parte da sua família. Agora, vivendo longe ainda, de passagem pelo norte, quis passar por nossa Casa. Os bens materiais que, então, possuía quando o conhecemos, não lhe roubaram a simplicidade nem a pobreza de coração ligada à raiz da sua origem. O seu amor pelos outros, alimentado pela fé bebida nos peitos de sua mãe, no torrão natal, foi sempre o ponto de referência na sua actividade de grande industrial. A sua empresa era uma família também.

Regressou a Portugal e quis manter sempre a sua identidade. Depois de tantos anos sem nos vermos, encontrámo-nos.

Quis saber o porquê da sua vinda. Negócios? Viagem de turismo? A sua esposa?

— Vim passar dois dias sozinho a um Centro de Espiritualidade e tirei este bocado da tarde para vos visitar — disse. E continuou: — Não me falta nada daquilo que o comum dos mortais julga mais importante neste mundo. Falta-me, neste momento, saber o único necessário para ser feliz: O que é prioritário na minha vida.

Antes que fosse tarde, decidi recolher-se dois dias, em ambiente de silêncio, a sós com Deus e consigo mesmo. Que coisa estranha, para não dizer maravilhosa! É preciso fé para não ter medo da solidão. Não é fácil crer, é mais fácil raciocinar. Não é fácil crer que só no encontro com Deus aceitamos o mistério que vai dentro de cada um de nós: O dom da nossa vida como fonte de felicidade para nós e para os outros. Ter de crer e ter que deixar tantas coisas, tantas pessoas, para as amar mais sem desvio do caminho que é o de cada um.

Que caminho! E não há outra opção! Porque se crer é difícil, não crer é morte certa. Se esperar contra toda a esperança é heróico, não esperar é a angústia mortal. Se amar custa o sangue, não amar é o inferno.

O que é prioritário na tua vida?

2 À hora em que escrevo estas notas, olho as flores dum canteiro. Lindas que elas são! Mão delicada, ao fim de cada dia, dá-lhes um pouco de água para que não murchem e sequem.

Anteontem, Padre Carlos e eu passámos todo o dia a rever as cartas que foram chegando ao longo do ano e algumas há mais tempo, com pedidos de admissão de pequenos, que agora é o tempo mais indicado, prestes a começar o ano escolar. São muitos. Cada

Continua na página 4

AQUI, LISBOA!

De 4 a 8 de Setembro realizou-se em Fátima a VII Semana Nacional da Pastoral Social, sob o tema «Os idosos na Sociedade e na Igreja». Queira Deus que as conclusões tenham eco na vida portuguesa, numa época em que a tendência comum é a de pôr de lado aqueles que enfaticamente se passaram a classificar como constituindo a terceira idade.

São dados adquiridos que a esperança de vida aumentou, enquanto se acentua a diminuição da taxa de natalidade, havendo um saldo fisiológico de cariz negativo, com um envelhecimento progressivo da população e a entrada precoce, em termos relativos, na reforma de muitos, até pela antecipação da idade ou pelas facilidades promovidas para que tal aconteça.

Infelizmente, nem sempre aquilo que se considera progresso o é efectivamente. As reformas antecipadas e mesmo as normais geram um grupo maciço de pessoas que tendem a desintegrar-se do todo social, com o abaixamento dos réditos em relação aos cidadãos no activo, e a rejeição por parte das camadas mais novas, a começar nas famílias.

Diz o Povo que «velhos são os trapos». De resto, não podemos definir em linguagem matemática quem é velho ou idoso. Em nosso entender há muitos novos, envelhecidos e pessoas de idade madura na plenitude da juventude, pela sua disponibilidade, pelo seu saber e pelo seu sentido dos outros. Faz pena que indivíduos mais maduros sejam, por vezes, marginalizados e votados à solidão, quando poderiam, e são-no em muitos casos, de grande utilidade para o todo social, pela sua experiência e capacidade.

Um exemplo caseiro. Durante esta época estival, para podermos dar uns dias de férias àquelas que aguentam esta barca ao longo do ano, apesar dos apelos feitos, só foi possível encontrar ajuda em duas ou

três senhoras, com mais de 70 anos de idade, que se multiplicaram em esforços e canseiras ao serviço de toda a Comunidade, mormente dos mais pequeninos. Os jovens não apareceram, porque servir lhes é pouco propício ou nada atraente, pois implica renúncia e sacrifício.

É muito mais fácil juntar multidões numa peregrinação, aqui ou além, do que conseguir meia dúzia de jovens capazes de gastarem alguns dias com os irmãos menos favorecidos ou carenciados. Ao escrevermos estas palavras não pretendemos, obviamente, criticar tais ajuntamentos, que têm o seu interesse e lugar, mas simplesmente realçar um facto. Como vão longín-

Cont. na pág. 3

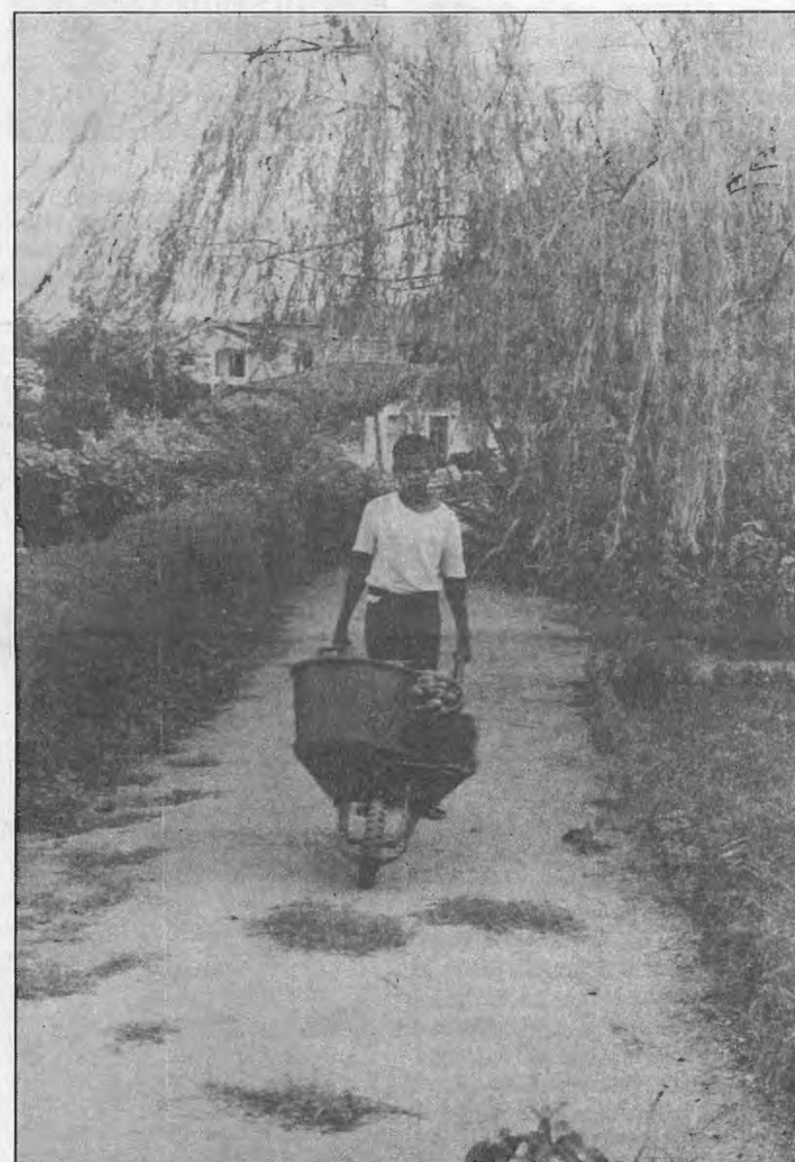
PARTILHA

★ Aumentar o dinheiro e ter coisas... simples ilusão de felicidade. Agarramos, ansiosos, uma nuvem que se esvai. Sôfregos, bebemos uma água que não mata a sede.

Bem no fundo, a nascente pura da água viva — aspiração de Deus — que não chegamos a beber porque coberta de atulhos que a tornam inacessível.

Vazios e frustrados, não atinando com o verdadeiro sentido da vida, afogamos nas coisas o sentido de Deus.

Logo na nossa infância Deus e Eternidade foram arrumados nos sótãos... Mais importante a casa, o jardim, o quatinho a primor, os



«O trabalho deles, por mão deles, querido por eles» faz parte da nossa divisa: Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.

Cont. na pág. 3

PELAS CASAS DO GAIATO

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — O passado dia 16 de Julho foi um grande dia para a nossa Conferência.

Como todos os nossos benfeitores e amigos já sabiam, realizou-se o casamento do casal que visitamos: Lola e António; e o baptizado dos seus três filhos: Hugo, de 10 anos, Bruno, de 9 e Ricardo, de 5 anos.

Foi bonito ver aquele casal, pelas 8 horas da manhã, acompanhado dos seus filhos, a caminho da Igreja de Miragaia, com um ar muito feliz, para se tornar numa família cristã.

Mais tarde, pelas 10,30 horas, foi celebrada a Santa Missa pelo Senhor Bispo, acompanhado por dois sacerdotes de Miragaia, em que os pequenos mais velhos receberam a Comunhão e o Sacramento do Crisma.

Foi uma cerimónia linda e simples, mas cheia de significado.

Não podemos esquecer que, neste dia, se comemora a partida de Pai Américo para o Céu e, por isso, vai ficar lembrado na nossa Conferência.

Nós, vicentinos, estamos certos que Pai Américo, lá no seu cantinho, está muito feliz por termos seguido alguns dos seus passos. Ele tem-nos dado muita força e coragem.

Também não esquecemos os nossos benfeitores e amigos que tanto nos têm ajudado com os seus donativos.

Deus é grande e não se esqueça daqueles que se lembram da nossa Conferência.

O QUE RECEBEMOS — Do assinante 26554, 2.500\$00. Dum casal amigo, 5.000\$00. Assinante 4554, 5.000\$00. Mil, do assinante 22801. «Para o casal que vai contrair Matrimónio», 2.000\$00. Do Tomás, 200\$00. De A. B. P., 3.000\$00. Donativo de 200\$00. 500\$00, do Tomás, da Parede. 8.000\$00, mais 3.000\$00 dos «Amigos de D. António Barroso», em homenagem a Pai Américo. 5.000\$00 de J. R. D. 10.000\$00, ajuda para a D. Antonieta. Igual quantia, para o leite. 2.100\$00 do assinante 6410. 5.000\$00 de assinante sem número. 2.000\$00, de Maria Amélia. 1.000\$00, do assinante 19177. 1.500\$00, de uma avó. 1.150\$00 do assinante 44842. 3.000\$00, para o casal de seis filhos. 2.000\$00 da assinante 252198; e 5.000\$00.

Que Deus os ajude a todos.

Germana e Augusto

MIRANDA DO CORVO

PRAIA DE MIRA — Acabaram as férias para a nossa Comunidade, à beira-mar. O último grupo chegou a casa no dia 16 do mês passado. Foi um mês e meio que a nossa Casa esteve ocupada com grupos diferentes. Mas nem por isso ficou vazia, pois demos lugar a um grupo de crianças de Anadia que não tem possibilidades de passar férias com os seus pais. Desejamos-lhes umas boas férias.

CATEQUESE — Um grupo dos nossos rapazes prepara-se para a festa

da Primeira Comunhão e outros para o Sacramento do Baptismo. Enquanto estavam na Praia o Padre Horácio era quem os orientava. Os que estavam em Miranda do Corvo, era o Padre Telmo.

Agora estes dois grupos estão novamente sendo orientados pelo seminarista Mário Afonso, que anda no Seminário de Coimbra, estudando no 2.º ano de Teologia e está a passar as suas férias na nossa Casa.

OBRAS — As obras da casa-mãe continuam a ser a actividade principal, depois do sr. João, juntamente com alguns rapazes, ter dado a volta à zona dos miúdos e dos grandes, no 1.º andar. Andam agora na zona dos médios. Está a ficar cada vez mais bonita.

AGRICULTURA — Apanharam-se as cebolas atrás do campo. Muitas e bem gordinhas.

Parte do nosso milho está despontado e desfolhado; agora é esperar que o sol seque a palha e a espiga para se colher.

A fruta dos pomares já é servida à mesa e a mais verde, que cai no chão, é cozida e a malta gosta muito.

VISITAS — A nossa Aldeia tem sido frequentemente visitada por grupos de diversos lugares do país, que mostram grande satisfação em conhecer a vida e a história da Casa do Gaiato. E nós gostamos também de ver a nossa Casa cheia de gente. Apareçam mais vezes.

João Paulito

Conferência de Paço de Sousa

• A pobre mulher aborda-nos com aflicção, algo envergonhada. Filho doente, é uma *sangria* de remédios que a botica não fia, nem o Hospital

ou a Segurança Social lho dá. Aliás, há quantos anos denunciámos a necessidade de se prover de medicamentos os doentes pobres, na medida em que só quem tenha possibilidades económicas tem hipóteses de tratamento. Por isso, há *cemitérios* de morte lenta que ninguém vê. Poderíamos adiantar muito mais, neste aspecto, mas as palavras nem sempre traduzem o calvário real de quem sofre, tão fortes são as dores e a miséria imerecida.

• Nesse dia (ele há dia em que a gente não precise de botar a mão aos Outros!?) topámos um, entre as centenas de trabalhadores que embarcam no comboio para as fábricas no grande Porto e regressam já noite. O homem foi do sector primário e as marcas vêem-se na palma das mãos. Outro migrante que se viu *forçado* a deixar o cultivo das terras, mas não em tempos livres. «Nascemos no campo e temos amor à laboira...» Em regiões desta ordem já se produz muito, assim.

O nosso amigo sonha com habitação própria: — *Levantei uma casa p'ra mim e pròs filhos. Não sou miserável... Tenho ajuntado o que posso. Trabalhamos todos na obra. Olhe: na família há gente de todas as artes, graças à Senhor!*

Evoluído com a mudança de vida, esclarece algo mais: — *Não pedimos nada à Banco. Eles comem tudo! A gente vai poipando e apertando o cinto.*

Ái temos mais um *herói*, da legião do Vale do Sousa, que milita com os ossos na dolorosa Autoconstrução. Em regiões periféricas ou intermédias, que seria do problema da Habitação se não fosse a Autoconstrução — *espontânea!*?

PARTILHA — A Mão de Deus, que bate oportuna e importunamente no coração das gentes, supre carências, a miséria imerecida de muitos Pobres. Di-lo, implicitamente, a presença assídua de tantos que, ao longo dos anos, mantêm pelos seus braços, carinhosamente, a vida de alguns que sucumbiriam na maior necessidade.

Duas fortes *boladas* da assinante 31104 que, afirma, «*também preciso de auxílio: suplico que rezem por mim. São, é certo, necessidades diferentes, mas nem só de pão vive o homem. Como sinto tão duramente esta verdade!*»

Coimbra, tarimba e cátedra de Pai Américo como Recoveiro dos Pobres: «*De partida para férias, acho que devo pensar um pouco no meu Próximo. A quantia que junto, é uma pequena partícula para o muito que precisam os meus Irmãos auxiliados pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, mas é uma expressão do meu amor para com eles. Desculpe a insignificância, que envio de todo o coração, por alma de meu querido Marido. É favor não mencionar o nome, pois ao levantarem o cheque logo sei que aí chegou.*»

Em discreto sobrescrito, endereçado à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus — Paço de Sousa, recebemos de «*uma portuense qualquer*» a habitual «*migalhinha, relativa ao mês de Julho, com um pouquinho mais a lembrar os familiares que o Senhor chamou a Si.*»

Vancouver — Canadá: «*Mais uma pequena oferta (vinte dólares) ganha pelo meu filho, no trabalho das férias de Verão, para empregarem onde mais falta houver. Uma oração por ele e por todos os jovens.*» Coração grande (universal) o desta Mãe que já conhecemos, há muitos anos.

Assinante 32436 com um vale de correio, sendo 500\$00 «*para o caso mais necessitado, pedindo que não agradeça, basta mencionarem n' O GAIATO.*» Rua das Amoreiras: «*Muito atrasada e sentindo-me culpada pela inércia, também cansaço e ocupação, mas há sempre uns minutos para se fazer o que é necessário, junto a ajuda de Abril a Agosto (...)* e mais 15.000\$00 para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus — *para o mais preciso. Estou em férias. Há tanto que não sabia o que isso é, embora as faça com economia, mas gozo-as, faça este interregno.*» Que é justo!

Lavadores (V. N. Gaia): «*Envio um cheque de 20.000\$00 para uma*

pequena ajuda aos Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, especialmente viúvas pobres. Peço o favor de não escreverem o meu nome no jornal.» É uma *procição* do anonimato. Basta que Deus saiba. Sublinhamos, no entanto, o seu gesto, pois se dirige às viúvas — as mulheres mais esquecidas. Só quem tenha sofrido a orfandade avaliará plenamente esta verdade que perdura, infelizmente, desde que o mundo é mundo.

Com o mesmo objectivo, temos o assinante 17258, de Baguim do Monte (Rio Tinto), com «*2.500\$00 respeitantes aos meses de Julho e Agosto para a renda da casa da viúva.*» E mais: «*Desculpem o atraso!*» Deus o ajude.

Agora, vem lá uma viúva da cidade dos doutores lembrando o seu marido. Citamos: «*Gostaria que o que sobrar da assinatura fosse para a Conferência de Paço de Sousa, para uma pessoa só e amargurada; «multa» voluntária, pedindo a Deus o tenha em bom lugar e a mim dê coragem para sofrer a solidão.*» Rico testemunho!

O costume da assinante 26471, de Algueirão, referentes aos meses de Julho e Agosto: «*Destina-se, de preferência, a uma senhora idosa e doente, não interessa se solteira ou viúva. Porém, mais uma vez insisto neste ponto: fica ao vosso critério a maneira como o hão-de entregar.*»

Belazaima: «*Acabo de ler o nosso O GAIATO a traduzir tantas necessidades. Vou mandar uma migalhinha. Podeis empregar no que entenderdes. Em todo o caso, gostaria que, se for necessário, seja empregue no todo ou em parte no arranjo da casa daquela viúva que foi consumida pelo fogo. Também estamos a dar um arranjo à nossa e sei o que isso custa. Não é necessário acusarem recepção. Basta uma ligeiríssima referência no jornal, ao estilo do costume. Peço uma oração pelos meus filhos e irmã para que o Senhor os ilumine e guarde.*» Pelo que a gente lê, O GAIATO, tão pequenino, traz riquezas tão grandes que nos enchem o coração!

Outra mãe, que não esquece a sua, tampouco a filha: «*Sou a assinante 9792, de Guimarães*» — berço da nacionalidade! «*Envio 3.000\$00 para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus para socorrer o Pobre mais necessitado, em sufrágio da alma de minha mãe e pelo êxito do exame da minha filha.*» É Emília!

Passam muito certinhas, duas presenças de sempre. Assinante 9790, de Oliveira do Douro: «*Junto uma pequenina oferta (5.000\$00), em cheque. Ouso pedir uma oração ao Senhor pelas benditas almas do Purgatório, em especial pelas mais abandonadas.*» Homem de Fé rija! «*Avó de Sintra:* «*Com os desejos de que a vida vos corra sem percalços e boa saúde e Paz, vão os 5.000\$00 para a 'Família do costume' a quem desejo, sinceramente, melhora de sua vida.*» Voto cristão!

Espinho comparece, mais uma vez, pela mão da assinante 20856: «*Junto um cheque de 10.000\$00 para a Conferência de Paço de Sousa, minha pequena ajuda relativa ao primeiro semestre de 1989. Agradeço que não escrevam; pel' O GAIATO sei se aí chegou.*» Temos um certo amor pela Costa Verde: →



No sector de retoque e montagem de artes gráficas, aí temos dois a aprender — 'fazendo.

CADA FREGUESIA CUIDE DOS SEUS POBRES

Tão simples a doutrina... e tão difíceis somos no pô-la em prática!

Pai Américo inspirou-se na parábola dos vimes. Se deixarmos engrossar o lote, quem os parte? Vara a vara, é tão fácil! Também neste capítulo é necessária a consciência assumida de que uma comunidade eclesial não se levanta e se mantém de pé, sem os três apoios: o conhecimento da Doutrina revelada, que se exercita e exprime em actos de culto e no cuidado dos Pobres. Se faltar qualquer destas «pernas», a comunidade manca, esmorece-lhe a vida.

Em 1986/87 foi este o tema do trabalho anual do Secretariado Diocesano do Porto para a Acção Socio-caritativa. Percorreu-se a diocese; promoveram-se reuniões nas várias regiões pastorais, que foram

concorridas e animadas — e permanecemos tão tardos em manifestar esta consciência, se é que ela foi apreendida.

Não se levanta o sol e põe, em cada dia, sem que entretanto não apareçam por aí pessoas, às vezes trazendo horas penosas de caminho, para apresentar seus problemas, quantos deles pequenos problemas para os quais há, certamente, (deve haver!) solução nas suas terras. Parece que a Caridade é profissão especializada, quando ela é o mais universal dever, de que ninguém tem dispensa. Os próprios que vêm, denunciam esta deturpação de consciência, sinal de que ela não é suficientemente formada. Tanta coisa boa e bela que se prega, mas tanto se omite o essencial.

Há momentos foi uma mulher de

aí corremos estradas, via férrea (Granja/Espinho), ruas, avenidas, igrejas, lançando o pregão dos primeiros exemplares d'O GAIATO.

«Com a minha obrigação de ajudar os que precisam — acentua a assinante 19177 — «envio 1.500\$00 para repartirdes como entenderdes. Nessa quantia vão 350\$00 de duas senhoras amigas. Boas férias e até ao mês que vem, se Deus quiser». Não falta! Assim como o casal-assinante, do Fundão, com 5.000\$00.

Assinante 3359 manda «pequena oferta para o caso mais premente». Tavira: vale de correio (5.000\$00) «para ajuda do mais aflitivo. Mantenha o anonimato». Curioso: «Quanto mais temos vontade de ajudar os Outros, Deus mais nos proporciona condições para essa ajuda». Coimbra, outra vez: «Sou a assinante 9708. Junto 1.015\$00 para um casal de idosos ou para quem entenderem». Vilares (Vila Franca das Naves), os habituais 500\$00: «Vão tarde porque só agora recebi a minha pensão». Outro óbulo, de Guimarães: «Quatro mil escudos para os nossos irmãos que costumam visitar. Ponham n'O GAIATO só o número da assinatura». Como sempre fazemos.

«Uma assinante de Paço de Arcos — tão perseverante! — manda um cheque repleto, «a partilha de dois meses», e «saudações fraternas» que retribuimos — em nome dos Pobres. A. F., de Gaia, «depois de uma ausência de meses — peço-me perdoadem — eis-me aqui com a minha oferta de 2.000\$00 para a Conferência de Paço de Sousa, por alma de uma muito minha amiga, Margarida, e empregarão no que for mais urgente». Vinte notas da assinante 113, «velha Amiga» que fez agora «75 anos, graças a Deus de boa saúde, moral e física. Por isso, aqui estou a dar graças a Deus repartindo do que Ele me dá, por tantos que precisam».

Fechamos a excepcional procissão com alguns excertos duma carta da assinante 27932: «Só agora posso dar uma oferta para o caso referido n'O

GAIATO de 22 de Maio. Também sou mãe solteira. Criei o meu filho que Deus me levou com muita dor e sofrimento, pois a minha situação era igual à dessa mãe. Passei fome e também era e sou muito doente. Por isso vivo o problema dessa pobre mãe. Moro numa barraca. Estou reformada por invalidez. Vivo só, pois o meu único filho ficou no Ultramar, mas a sua imagem está sempre comigo. Vivo com saudade e a esperança de me reunir a ele na Ressurreição». Uma Oração que faz destruir os corações mais empedernidos!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

ANO LECTIVO 88/89 — Os resultados foram muito positivos. Mas, os melhores foram os estudantes nocturnos. Agora já nos metemos nos preparativos para o próximo ano. As matrículas estão feitas. Esperemos que seja tão bom ou melhor do que o ano passado.

BATATA — É bonito ver os nossos pequenos atrás do tractor na recolha da batata. Tivemos muita! Graças ao tempo, não se estragou nenhuma.

FRUTA — É um alimento indispensável. Os nossos pomares estão carregados. As macieiras nem se aguentam com tanto peso. Algumas maçãs começaram a cair e os rapazes do grupo da lenha andam a apanhá-las. Portanto, vamos ter muita fruta.

PRAIAS — Acabou a época balnear na nossa Colónia de Férias de Azurara. O último turno foi o dos vendedores do nosso querido «Famoso». Já regressaram e só para o ano haverá mais. Agora há que pensar no trabalho, sempre muito, cá em Casa. E, também, na escola que está aí à porta.

Paulo Jorge S. Lourenço

freguesia próxima, nova, abandonada pelo marido, filhinha pela mão. A pequenina vai ser operada no Porto e a mãe não tem posses para a ir ver. Disse-mo debulhada em lágrimas e era o conteúdo da sua petição.

Na paróquia onde mora há Conferência Vicentina e dela está rece-

bendo ajuda para a alimentação da menina. Certamente a Conferência concordará em encaminhar este auxílio, desnecessário enquanto durar a hospitalização, para as viagens que proporcionem à menina o «alimento» da visita da mãe.

Claro que não fiz àqueles Vicentinos a injúria de nos substituímos a eles na satisfação de um tão razoável pedido e fácil de satisfazer sem grande acréscimo de encargo em relação ao já tomado. Remeti-lhes a nossa visitante. Não, sem uma vez mais me doer do erro que anda nisto (não julgo culpas e penso que elas, sejam de quem for, serão mais por omissão) de uma mãe perder uma manhã e sujeitar a sua pequenina a uma caminhada dura, tanto mais quanto desrazoável e inútil.

Padre Carlos

AQUI, LISBOA!

Continuação da página 1

quos os tempos em que Pai Américo conseguia ajuda de muita gente nova, estudantes liceais, universitários ou seminaristas, para levar a cabo as actividades empreendidas!

Voltando ao problema das pessoas idosas, achamos que se há-de ter por elas o máximo respeito, aproveitando as suas potencialidades, a começar no próprio ambiente familiar, onde têm um lugar insubstituível no intercâmbio de gerações. Marginalizá-los será um atentado à sua própria dignidade e um desperdício do muito saber e da grande experiência adquirida ao longo dos anos, que muito poderão ajudar os mais novos. Que eles se considerem úteis e possam viver a curva descendente da vida integrados no contexto social, sem discriminações ou afrontamentos vexatórios e perdulários. Todos não somos demais e um ancião é um valor a ter sempre em conta e não um cidadão de terceira classe.

• Aos nossos Amigos de Lisboa e arredores, que se queixam não vir no jornal a direcção desta Casa, aqui a registamos: Casa do Gaiato de Lisboa — Santo Antão do Tojal — 2670 Loures. Em Lisboa poderão dirigir-se ao respectivo Lar: R. Ricardo Espírito Santo, 8-r/c-D — 1200 Lisboa.

Padre Luiz

PARTILHA

Continuação da página 1

sótãos... Mais importante a casa, o jardim, o quatinho a primor, os nossos brinquedos, nossos amigos e relacionamentos, nossas aulas e livros. Só «nossos», «nós» e o «meu».

Lembro, naquela linda casa: o menino atafalhado de brinquedos caríssimos e chorando com ímpeto... Vi nos brinquedos o somatório do egoísmo dos pais. O menino tinha sede de carinho, de ver correr um rio e ouvir cantar um pássaro numa manhã de sol. Seu pai, afadigado na procura de dinheiro para comprar mais coisas... Sua mãe, perdida com as amigas e niquices...

O sentido de Deus?
A brevidade da vida?
A noção clara dos Outros?
A fome no mundo?
Nada... O menino vai estudar muito para ser «alguém» e para saber fazer mais riqueza.

★ Como se trata uma roseira — a terra, a semente, o estrume, a rega e a poda — assim, desde a mais tenra idade, cultivamos o «meu». «Faz bem ao menino ter coisas para o desenvolvimento da sua personalidade» — disse-me alguém.

Conheço tantos homens e senhoras dotados duma rara personalidade e que amasaram ao lado dos pais o pão que comeram, partilhando sempre com os irmãos a roupa e os brinquedos.

O cultivo exagerado do «eu», como água em demasia, estiola e seca.

★ Era uma vez uma criança loira sem quarto nem brinquedos próprios. Fui com ela pelos campos. Havia aroma de vinhas e figueiras. Ela descobriu um pássaro azul.

— Olhe, ele tem penas amarelas!
— Vamos apanhá-lo.
E corremos de moita em moita... O passarinho, sorrindo ao nosso sonho infantil, voou para longe.

— Talvez venha... — disse ele.
— Deve vir... — disse eu.

Regressámos. Já perto da aldeia, disse-me cheio de candura:

— Vamos deixar a janela aberta, pois pode vir à noite!

Sempre aberta a janela do sonho!

Geralmente, as crianças abarrotadas, esmagadas com coisas, não sonham. Não há espaço para um pássaro azul numa mata de bétulas.

Padre Telmo

DOCTRINA



Não faças da tua fortuna mirante de gozo

• Se não fora o ter esta Sopa seus créditos firmados no conceito das gentes em tantos anos de refrega, eu havia de a suspender, porquanto, é tão pouquinho o que às vezes me dão, que eu nem sei de que a faça para sair coisa abundante e saborosa: esta semana apenas cinco mil réis e dez tostões. E as turbas estão sempre rentes à porta da cozinha; vindo até alguns de muito longe, em cartas suplicantes, dizer à gente tudo quanto lhes falta em casa. Não perguntam o que há que se coma; dizem abertamente que querem comer.

• Ai! que se os senhores do Mundo soubessem que estão postos nele com suas riquezas para acudir às multidões que razoavelmente pedem o pão de cada dia, como eles também, por sua vez, o devem pedir e agradecer a Deus; e se o distribuíssem como o fez o Mestre aos ouvintes da Montanha (religiosamente, olhando para o Céu; respeitosa e mandando sentar; economicamente, aproveitando as sobras); se todos os herdeiros da fortuna assim fizessem — tudo havia de chegar para todos; e, em vez da solidariedade que separa classes e interesses, haveria a Caridade que junta os corações. Nem seria preciso ter subido de Inglaterra num voo de humildade redentora e cair na Alemanha por amor da paz (1), quando é certo que muitos séculos antes o Filho de Deus caiu do Céu pacificando tudo na Cruz. E se hoje, como ontem, alguém quiser seriamente a Paz, há-de abrir as mãos e repartir como o Mestre ensina; há-de procurar a Paz que já está feita; e nunca aquela falsa que os homens querem fazer.

• Para quebrar uma «argola do cão da Sofia», cem escudos de «um tripeiro». Talvez este senhor, fiel à tradição, tenha ficado com tripas para mandar carne limpa! Seja como for, a paulada foi de respeito; a argola caiu no chão e eu já posso romper por uma nesga da rua. Mas o cão assanhou-se, meu senhor. Não me chega às canelas, mas ladra desesperado, espumante; e faz tal ruído que toda a gente pára na rua a gozar o pobre da Sopa corrido de vergonha. Isto só vai à bola, meu senhor. É preciso uma bolada séria e cheia que o deite por terra de uma vez para sempre, estoirado.

• Só desta forma posso eu varar, airoso, as portas do Reis & Simões e estender-me até à Casa do Sal, ao Pátio dos Lázarus, ao Lojão,

Cont. na página 4

O ÁLVARO

Tribuna de Coimbra

Estes dias ocupámo-los intensamente no ajuizar de muitos pedidos de admissão que se foram juntando ao longo do tempo, alguns com um e dois anos de espera, prazo tão grande para as pequenas idades dos candidatos a um lugar. É uma tarefa extremamente dolorosa esta selecção: tocarmos em tantos feridos e termos remédio para tão poucos! Mas a verdade é que, ao ritmo da «produção» destes dramas, mesmo que a capacidade das Casas do Gaiato duplicasse, em breve estaríamos perante a mesma contradição: Existirmos para dizer que sim e a maior parte das vezes termos que dizer que não.

Ontem veio cá uma avó com seu neto. O caso deste fora-nos proposto por uma Assistente do Centro Regional que informava:

«O pai do garoto está cumprindo pena de seis anos por tráfico de droga e a mãe, na prostituição, com ausências do domicílio. Há cinco filhos menores a cargo de uma avó de 62 anos.» O pequeno, de 12 anos, «encontra-se em situação de risco, pois acompanha um grupo de marginais que se dedicam ao tráfico de droga e, ao menos por vezes, faz entrega, recebendo maus tratos do grupo. Desde o início do ano escolar não frequentou a escola apesar de ser uma criança com bom aproveitamento escolar».

A informação colhida da avó e do próprio miúdo ainda mais enegreciu o quadro. O pai é já a segunda pena que está cumprindo. As crianças em casa não são cinco mas sete, os dois últimos já filhos de outros pais. As ausências da mãe, por vezes, duram meses seguidos; e quando vem a casa é para acrescentar os problemas. A avó vive de

uma pensão de viuvez («Faltam vinte escudos para dez contos») e trabalha num restaurante para não faltar o pão aos sete netos. A irmã seguinte ao Álvaro, de 10 anos, teve de deixar a escola para ficar com os irmãos, o mais novo ainda de meses.

Aparece-nos, pois, pedido para um e afinal são, para já, três os carecidos de resposta: os rapazes de 6 e 8 anos, se não ainda na «situação de risco» do mais velho, para lá caminham. De resto, a avó queixa-se da «triste sorte» dos pequenitos. Entregues a si mesmos, na rua todo o dia, tudo o que de mal acontece no bairro lhes é imputado.

E o bebé de meses e as três meninas — para onde vão? Se a avó faltasse, seria o caos! E as suas pernas, enegrecidas, deformadas por varizes, são um atestado patente de quanto ela precisa de repouso. Porém, mais que do repouso físico, ela tem fome da paz de alma que só de ver os netos bem encaminhados alcançaria.

O pai do Álvaro está preso por passe de droga; não por abandono dos filhos. A mãe anda por aí. Já gerou mais dois, entretanto. Nada, ninguém a estorva.

«A sociedade que tem a capacidade sinistra de gerar estes casos, tem igualmente, dentro dela mesma, capacidade para os resolver» — li no *Diário de Notícias* de 12 de Julho passado. Também assim penso; não acredito na fatalidade. E tal como o autor do artigo, julgo que a solução passa «sobretudo, por uma gigantesca campanha de formação a todos os níveis, que leve os membros dessa sociedade a terem vergonha de si próprios, ao verem que muitos dos seus mais novos e, por

isso, mais indefesos, não têm nada nem ninguém que eficazmente os apoie».

«Com esta consciência do que é e de como se vive — continua o articulista, que escreve a propósito da 'Emergência Infantil' recém-aparecida — será possível edificar-se algo de útil e positivo para milhares de crianças em dificuldade. (...) Sem ela, tudo, ou quase tudo, ficará, mais ou menos, pelo salão da Gulbenkian».

Este «algo de útil e positivo a edificar» não passará de mais uma utopia se, concomitante aos remédios que, já e em força, administrar aos «milhares de crianças com problemas prematuros de sofrimento e desilusão», a dita «consciência a todos os níveis» se não der, de cabeça fria e coração ardente, a prevenir as causas que, com generalizada cumplicidade, multiplicam tão «sinistros casos».

Padre Carlos

Notas da Quinzena

Cont. da página 1

um com sua história. Se estivesse conosco, teu cansaço seria regado com lágrimas. Ao fim do dia, antes de adormeceres, havias de perguntar-te: O que é prioritário na minha vida?

Trata-se de uma questão que diz respeito a toda a gente. É uma pergunta que todas as pessoas devem fazer. A resposta não é igual para todos. Mas é a partir daqui que cada um pode encontrar o caminho certo para a sua vida. Está em jogo a felicidade a que todo o ser humano tem direito. A própria e a dos outros.

Não retiro os olhos do canteiro de flores, diante da janela do meu quarto. Na história de cada garoto que nos chegou, dos Tribunais de Menores, de Conferências Vicentinas ou de pessoas de bom coração, está um canteiro esfrangalhado: a Família. A desgraça de famílias mal constituídas e desfeitas. A prostituição. A barraca. A falta de habitação condigna.

3 Cheguei, há poucas horas, da praia de Azurara, onde fui ver os mais pequeninos, à mistura com um grupo de mais crescidos. O Lando e o «Ruilhe» são os chefes do grupo. Mas estavam lá, também, no seu lugar, as mãos femininas da Emília — a Mila, como lhe chamam ternamente o Ilídio e companhia — e da Inês. Quase não tivemos tempo de conversar que os mais pequeninos não nos deixavam. A areia, o mar, o céu, ainda que turvado

A manhã de hoje em nossa Casa. As férias, fora de casa, terminaram. Parti cedinho, de longe. A carrinha parou três vezes no caminho, por falta de alimentação, por sujidade nos tubos. Deixei-a na oficina e fiz o resto da viagem a pé.

Ao fundo da quinta, em frente ao busto de Pai Américo, encontrei um grupo a construir um paredão de suporte aos terrenos das oficinas. Onde havia canas e silvas irá ficar ainda não sabemos bem o quê.

Subi e entrei na serralharia. O Miguel estava a fazer uma peça para o Francisquito e outro estava a preparar ferros no esmeril.

Na carpintaria estavam todos a preparar portas para a casa nova do Tonito. O Tonito não estava, tinha ido à Câmara. O Bandarra está em férias.

Ao lado entrei na tipografia. Estavam todos parados. Ficaram assustados, mas continuaram nos seus lugares. A tipografia pareceu-me com poucas encomendas e esta gente sem trabalho não se prepara para a vida.

Continuei. Numa das salas estava um grande grupo na catequese. Todos voluntários. Três irão ser baptizados e os outros irão fazer a primeira comunhão. Estava com eles um estudante de Teologia que nos ofereceu parte de suas férias. Esperamos fazer um dia de festa cristã. Andam todos muito animados.

Logo a seguir um grande grupo lixava portas e janelas e dois pintores punham massa e pintavam. Todos empoleirados em escadas e escadotes pareciam um bando de passarinhos alegres.

Na casa em frente, andava o grupo de pedreiros. Limpavam e viravam as telhas do telhado. No fim as telhas ficaram muito mais limpas do que as mãos e cara de quem as limpou. Um bom trabalho.

Passi pela cozinha. Havia azáfama a preparar o almoço e a descascar tomates para fazer calda e conserva. O «Quicas» e o «Casaco» não tinham mãos a medir.

Na padaria, o Lito e seu ajudante amassavam a farinha para o pão. Pão tanto mais saboroso quanto mais suor escorre de quem o pre-

pelo nevoeiro, a alegria do banho nas ondas mansas da maré baixa, eram o canteiro refeito das flores que hão-de tornar o nosso Portugal mais rico. Ia cansado e triste. Regressei com a alegria da Esperança de que não está longe o tempo da chegada de mais braços para cuidar destes filhos que os esperam como as flores a água para não murcharem e secarem. Basta apenas dar o salto da Fé!

Padre Manuel António

para. A padaria é dos sítios mais visitados por quase todos. É o cheiro que mais atrai.

Perto, o «Pinóquio» e o Telmo tratavam o gado. Se quiserem tomar leite e comer ovos têm de cuidar bem das vacas e galinhas.

O António Manuel andava com seu grupo dos pequenitos a regar couves com latas de água e depois foram para a eira escolher feijão para comer. É um grupo que canta.

Paulinho andava com alguns dos medozitos a colher as vagens secas no feijoad. Já tinham um saco cheio e continuaram.

«Maço» e «Miguel brasileiro» andavam a rebuscar as cebolas que tinham ficado na terra. Tinham cheios dois caixotes e mostraram-me, com alegria, o fruto do seu trabalho.

Um grande grupo andava com chefe Jonas a despontar o milho. Um grupo de alegria com os braços para a rua.

Os mais pequeninos brincavam na varanda com muito carinho de todos.

Um formigueiro de cento e dez formigas em movimento. Retirei-me e fui rezar. Bendito seja o Senhor por este dia.

Padre Horácio

DOCTRINA

Cont. da página 3

onde o vício mai-la miséria se penteiam ao sol — almas cheias de possibilidades divinas, onde também brilha a Luz da Redenção. Senhor tripeiro que não conheço, arranje-me no Porto essa bola, que a gente de Coimbra anda toda a banhos e gasta tudo nas praias!

• Se primeiro não se dá de comer a quem tem fome, não acreditam nas nossas palavras e até deturpam as nossas intenções. O Evangelho entra pela estômago. A ordem das Obras de Misericórdia começa pelo dar de comer a quem tem fome. E, quando, na hora derradeira, o Justo Juiz vier «em glória e em majestade» dar a cada um aquilo que lhe pertence, nessa hora, digo, o castigo ou a recompensa há-de girar à volta do dar de comer.

1) Alusão da visita de Chamberlain a Hitler.

D. Amén. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 1.º vol.)

RECORDAR

Um poeta daria outra roupagem à nossa caminhada, a pé, do Lar do Ex-Pupilo dos Reformatórios à estação do caminho de ferro, à viagem de Coimbra a Miranda do Corvo.

É dita pelo coração!

Enlevado pela curiosidade do jovem, num meio completamente diferente, a paternidade de Pai Américo revela-se exuberante. Ele conhecia o Alentejo e, amando a Pátria que nos viu nascer, gostava de saber o interesse das gentes, o meio em que vivem, os problemas de cada um.

Perante a novidade, secavam as lágrimas e o moço recorda então o velho mestre que o preparou na Instrução Primária, homem cioso da gesta universal dos portugueses; múnus que exercia com devoção, especialmente vocacionado para os mais carentes, fossem ou não brilhantes na avaliação final.

Que jogo de contrastes, da Rua da Trindade à Baixa de Coimbra...! Em passo lento, para esclarecer o novo filho sobre a egrégia Universidade, os vultos da História, a região do Mondego, o Alentejo..., a Obra da Rua que nascera (do nada) para salvar o garoto das ruas. Curiosamente, na margem do rio — cantado pelos doutores — alguns rapazes que beneficiavam assiduamente das Colónias de Férias de S. Pedro de Alva (as primeiras de montanha, em Portugal — até nisto foi pioneiro!) abordam Pai Américo com alegria, agarram a sua capa negra como os filhos presos ao coração dos pais. A maior glória do Padre da Rua!

Júlio Mendes



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
Fotocomp. e imp. offset: Escalas Gráficas da Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 500788898

Depósito Legal n.º 1239
Tiragem média, por edição, durante o mês de Agosto: 72.350 exemplares